

Escola de Pais: limite e afeto no desenvolvimento infantil

Cristiana Oliveira¹ e
Marília Leite²

¹Psicóloga, especialista em psicologia clínica na abordagem fenomenológico-existencial e terapeuta da família. E-mail: criscarol.o@gmail.com

²Psicóloga, especialista em psicologia clínica na abordagem análise bioenergética. E-mail: marilia_leite03@hotmail.com

Resumo: Neste trabalho, apresentamos nossa experiência com grupos de pais com os quais trabalhamos o tema do limite no relacionamento com os filhos, objetivando desenvolver melhores condições para esses pais/mães assumirem a função materna/paterna, exercendo, de forma mais segura, a parentalidade. Tomamos como base a teoria da análise bioenergética e sua prática corporal estabelecendo conexões com a abordagem familiar estrutural, de Salvador Minuchin.

Palavras-chave: limite, filhos, pai/mãe, *grounding*.

Parents of school: limit and affection in child development

Abstract: In this paper, we present our experience with parent groups that we work with the boundary issue in the relationship with the children, aiming to develop better conditions for those fathers / mothers take maternal / paternal function, acting in a more secure way, parenting. We take as a basis the theory of bioenergetic analysis and body practice making connections with the structural family approach, Salvador Minuchin.

Keywords: limit, children, father / mother, *grounding*

Introdução

“Não há contradição no fato de dar e aceitar limites quando existe uma relação estruturada no afeto”

Schettini

O projeto Escola de Pais surgiu com o intuito de ajudar educadores (pais, cuidadores, babás, professores) no decorrer do processo de educação de crianças e adolescentes. Esse trabalho se desenvolve com grupos temáticos, os quais utilizam a psicologia corporal e outras técnicas que facilitam o desenvolvimento das funções que os adultos exercem em relação às crianças.

Ao longo de anos de experiência no atendimento clínico a crianças e adolescentes, temos observado a importância do papel dos pais na formação dos filhos, no desenvolvimento destes, de uma maneira geral, especificamente no aspecto emocional. Além disso, percebemos que por mais bem intencionados que sejam os

pais, na maioria das vezes por desconhecimento ou por suas próprias dificuldades, acabam agindo de maneira desfavorável ao bem-estar da criança, tanto no amor como nos limites, que possuem a mesma importância na construção de vínculos e valores.

Ser pai/mãe é trabalho intensivo, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Ninguém é preparado com antecedência para isso, mas o amor, o cuidado e a empatia vão auxiliando nas dificuldades do dia a dia.

Nossa proposta de trabalho pode contribuir para uma parentalidade consciente e fazer com que os pais possam sentir-se mais seguros, exercendo seu papel com propriedade. Nosso objetivo não é dar receitas, pois cada criança, cada relação pai/filho e com cada filho é diferente, e sim, conseguir que os pais entendam que dispõem de meios necessários para se desenvolverem e resolverem suas dificuldades conscientes, e muitas inconscientes vivenciadas na sua família de origem.

A importância desse trabalho está em possibilitar aos pais que tornem mais conscientes as dores e dificuldades que carregam no relacionamento com seus próprios pais e, percebendo as semelhanças que apresentam, sejam positivas ou negativas, refletir como agem no presente com os seus filhos, e possam de alguma forma, fazer diferente encontrando entender as demandas dos mesmos, e não confundir com as suas questões.

Trabalhamos, numa primeira experiência, com grupo de nove pais/mães – alguns com o companheiro e outros individualmente. A grande maioria de nosso público é feminino, o que reforça a ideia socialmente difundida de que a educação dos filhos é “coisa de mulher” ou “de mãe”. Quando participaram, os homens estavam sempre acompanhados das esposas. Foram quatro horas de trabalho vivencial e discussão sobre o tema dos limites na educação dos filhos. O encontro foi intitulado: “Tudo tem limite: educando os filhos com afeto e disciplina”.

Percebemos a importância do espaço de escuta e troca de experiências, para que os pais/mães pudessem apropriar-se de seu lugar de educadores, pois na medida em que percebiam as dificuldades dos outros participantes, muitas vezes semelhantes às suas, conseguiam relaxar e, de alguma maneira, sentir-se mais seguros, no exercício da maternidade/paternidade.

Essa sensação de segurança é importante para o estabelecimento de limites nas relações afetivas. Quando um pai/uma mãe se sente frágil diante do filho, por medo de perder seu amor ou por culpas, como por exemplo, estar muito tempo ausente trabalhando, realidade contemporânea, então pode torna-se difícil dizer um não.

Numa segunda experiência com esse tema, apresentamos o *workshop* vivencial “Afeto e limite no desenvolvimento infantil” na 23ª Conferência Internacional de Análise Bioenergética, em Pernambuco (Brasil), em agosto de 2015. Nessa ocasião, trabalhamos com um grupo de 12 profissionais, em sua maioria analistas bioenergéticos, nem todos pais/mães. Escolheram esse tema por ter considerado pertinente em suas vidas devido a suas próprias dificuldades em estabelecer limites em seus relacionamentos, bem como por identificarem, sendo terapeutas, a necessidade de trabalhar esse tema com seus pacientes.

Neste artigo, apresentaremos nossa experiência nesses grupos fazendo conexões com a teoria prática da análise bioenergética e da terapia familiar, na abordagem familiar estrutural, de Salvador Minuchin (*apud* Carter, McGoldrik & Col., 2001).

Desenvolvimento da Parentalidade e Dificuldade com os Limites

Uma das maiores dificuldades dos pais no processo de educação dos filhos é estabelecer limites. Muitos têm total consciência da importância das regras e dos combinados, mas, ainda assim, atrapalham-se ao tentar colocá-los em prática com a criança. Para Lowen (1983, p. 201), o ser humano consegue entender racionalmente a existência dos limites, mas tem dificuldade em aceitá-los emocionalmente, pois acredita que o potencial humano é ilimitado: *Se negamos ou ignoramos os limites, destruiremos a estrutura. Sem estrutura, cria-se uma situação caótica, em que tudo pode acontecer. Na ausência de estrutura, não existe significado ou ordem.*

O limite frouxo, ou mesmo ausente, no ambiente familiar é muito prejudicial ao desenvolvimento da criança e a seu convívio social. Segundo Winnicott (*apud* Mello Filho, 2001, p.127), “a criança cujo lar não conseguiu lhe dar um sentimento de segurança procura as quatro paredes fora de casa; ainda tem esperanças e busca avós, tios e tias, amigos da família, a escola. Procura uma estabilidade externa, sem a qual pode enlouquecer.”

Lowen (1986), corrobora essa ideia quando afirma que lares centrados na criança não produzem adultos seguros de si mesmos. Para ele, é um paradoxo da vida o fato de a liberdade depender de limites e de estrutura. Assim, a determinação dos limites precisa vir acompanhada de esclarecimentos e justificativas, visto que a simples imposição dificultará sua compreensão e seu cumprimento. Schettini (1997), ressalta que a aceitação dos limites não pode ocorrer com rapidez, pois a criança precisa de um tempo para entendê-los, internalizá-los e tentar cumpri-los.

Durante a realização de nosso trabalho, ouvimos de muitos pais a seguinte colocação: “*Como, após passar o dia inteiro longe do meu filho, vou, ainda, colocá-lo de castigo? Eu já estou cansado e sei que ele também*”. Esse discurso evidencia, inclusive, o sentimento de culpa dos pais, que aparece também como um obstáculo ao estabelecimento de limites na relação com os filhos. Ainda de acordo com Schettini (1997), os pais, muitas vezes, sentem medo de perder o afeto de seus filhos por desagradá-los, além de terem receio de enfrentar o sofrimento das crianças e dos adolescentes.

Outra situação comum é o pai/a mãe querer compensar as faltas vividas em sua infância fazendo tudo pelo filho, sentindo-se incapaz de frustrá-lo, de impedi-lo de ter acesso a algo que deseja. Dessa maneira, a criança cresce num ambiente artificial, onde tudo gira em torno de si e do ter. Aos poucos, ela vai se dando conta do poder que exerce sobre os pais e os manipula. Lowen (1983) diz que o modo como as crianças percebem a si mesmas reflete, quase sempre, o modo como seus pais as veem e as tratam.

Na relação com os filhos, os pais acessam novamente conteúdos de sua própria infância, que são reproduzidos ou passam por uma reformulação, podendo favorecer ou, às vezes, dificultar a relação atual. De qualquer maneira, há um padrão que passa de geração em geração, influenciando a formação do *self* infantil. Os pais põem em prática com seus filhos o tratamento que receberam de seus próprios pais. Segundo Weigand

(2006), tanto a tradição da família de origem quanto o que é construído pela família atual se entrelaçam para formar o *grounding* familiar, no qual a criança se enraizará.

No trabalho com grupo de pais, percebemos que a reflexão de cada um dos participantes sobre sua própria infância traz à tona conteúdos, muitas vezes, esquecidos de sua história de vida que nos ajudam a entender a maneira como ele se relaciona com seu filho no presente. Freud (1914) afirma que, é comum o paciente não recordar coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas o expressa pela atuação. Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete, sem naturalmente, saber que o está repetindo. Estamos aqui nos referindo a um conhecido conceito freudiano, qual seja, a compulsão à repetição, bem definido por Laplanche e Pontalis (1998), como um processo inconsciente pelo qual o sujeito se coloca ativamente em situações difíceis, repetindo, assim, experiências antigas sem se dar conta disso e tendo, pelo contrário, a impressão nítida de que se trata de algo motivado na atualidade.

Análise Bioenergética e Construção de Limites

Buscamos introduzir a ideia do afeto no estabelecimento dos limites, uma vez que percebemos a necessidade de uma solução mais harmônica para os conflitos que podem surgir em qualquer relacionamento, seja entre pai e filho, marido e mulher e em relações profissionais. Entendemos que, quando se está enraizado, em contato verdadeiro com as emoções mais profundas, é possível dar limite sem deixar de lado o amor.

Não esperamos submissão das crianças como era usualmente esperado em gerações passadas. Vivemos a era da informação, do questionamento, da argumentação, e é importante que reconheçamos como positiva a capacidade de expressão da criança, o que não pode jamais estar dissociado do respeito à autoridade, que é um importante exercício para o convívio social durante toda a vida.

Lowen (1983, p. 202) diz:

Não devemos, sobretudo, considerar a ausência de limites como liberdade. Uma folha soprada pelo vento não é livre em termos humanos. Uma pessoa sem vínculos emocionais com pessoas ou lugares está distante, e não livre. Fazermos tudo o que queremos não nos torna livres. Tal comportamento caracteriza as pessoas insanas, que são varridas pelos ventos de suas sensações sem uma percepção consciente da realidade.

É importante destacar que uma criança ou um adolescente que não recebe limites desde a primeira infância pode sofrer sérios danos emocionais. Por exemplo, para uma criança nos primeiros meses de vida que não se diferencia da mãe e o ambiente é regido por sua onipotência, se não são estabelecidos limites, ela pode desenvolver uma dificuldade em elaborar e simbolizar suas fantasias, sem conexão com a realidade. O risco, então, é ela permanecer atuando na realidade de acordo com seu mundo fantasmático e vínculo simbiótico e permanecer aprisionada a seu mundo interno, onde “pode tudo”.

Se, por outro lado, a criança apresenta traços de oralidade e não tem limites, mas não recebe o que deseja, não é compreendida nas suas necessidades básicas de forma amorosa, passa a ter a sensação de que tudo

que precisa nunca é suficiente. Passa a atuar na vida por meio da falta de empatia da função materna, não conseguindo integrar e valorizar o que pôde receber. Pode permanecer numa eterna sensação de falta.

Caso a criança apresente traços agressivos e perversos, “tirânicos”, seus pais não diferenciam amor de sedução e não a tratam como criança, mas como a “menininha do papai” ou o “homem da casa”. Dentro dessa dinâmica, a criança cresce sob uma ilusão de poder, percebe-se grandiosa e especial, e isso dificulta seu desenvolvimento quando a vida não lhe proporciona esse poder. Quando está nesse lugar, ela tende a ter atitudes perversas, uma vez que foi invadida na vivência de sedução infantil com os pais e, então, os gestos amorosos não puderam ser integrados em sua experiência de maneira afetiva.. assim congela os afetos e liga-se na imagem.

Na criança em que os pais não compreendem as curiosidades e brincadeiras sexuais infantis, e reprimem toda expressão erótica da sensualidade edípica pré-genital, não entendendo assim, a dimensão dos desejos naturais e expressão afetiva amorosa dos filhos. Nesse momento os pais confundem ou temem as expressões naturais dessa fase, e a criança pode ficar aprisionada a esse vínculo edípico, apresentando no futuro, dificuldades para construir relações afetivas e vínculos de pares, transferindo o excesso de energia pré-genital sexual dessa relação infantil para um exagero de organização e desejo de perfeição. Tende em transformar seus desejos sexuais em compulsividade. Desenvolve também medo da confiança e da entrega, repetindo o modelo das relações parentais.

Por fim, a criança que, ao contrário das já exemplificadas, recebe limites demais, fica oprimida e vulnerável na relação com o outro, especialmente no que diz respeito à invasão das suas vontades, colocando-a, com frequência, em situação de humilhação, exploração e de punição. Essas crianças geralmente se esforçam muito para fazer suas conquistas e se sobrecarregam diante dos grupos, a fim de ser valorizada e ser reconhecida.

Limite e Família

Pelos relatos de alguns pais durante a realização desse trabalho percebemos a força da influência da família de origem e extensa sobre o comportamento deles. Entendemos como família extensa, os familiares que não moram mais na mesma casa, sejam eles vivos ou mortos. Por família de origem, compreendemos as pessoas que constituíram a primeira família na vida de um sujeito.

Para entendermos como o limite pode ser estabelecido dentro das famílias, adotamos a abordagem familiar estrutural, de Salvador Minuchin (*apud* Carter, McGoldrik & Col., 2001), o qual acredita que toda família tem um conjunto de interações “invisíveis”, que ele denomina de estrutura, as quais se formam ao longo dos anos entre os familiares e que também passam por mudanças durante o ciclo de vida familiar. Quando algumas famílias passam por dificuldades na passagem de um estágio para o outro, podem ocorrer padrões de interação “disfuncional”.

Muitos pais, ao acessarem seus conteúdos de infância, relatam que não gostariam de repetir determinados modelos de seus próprios pais ou, ao contrário, que gostariam. A esse comportamento de repetir determinados padrões de uma geração para outra dá-se o nome de *transgeracionalidade*. Correa (2001, *apud* Chatelad & Rehbein, 2013) considera como transmissão psíquica geracional a que “ocorre por processos

psíquicos inconscientes constituintes de subjetividades via linguagem, simbólicos e também nas dimensões do imaginário e do real e nos vínculos geracionais familiares.” Isso evidencia, mais uma vez, como alguns pais agem em relação aos filhos de maneira que não compreendem e ainda acabam repetindo esse comportamento, por mais que não queiram.

É importante considerar que, quando um casal decide constituir uma família, cada cônjuge leva em sua bagagem uma história de vida. O desafio para a boa convivência é encontrar um meio termo, ou seja, cada um poder abrir mão de certos valores antigos para construir outros juntos os de sua nova família. Só pode se originar um novo subsistema conjugal no momento em que cada cônjuge consegue diferenciar-se, ou seja, ter um certo grau de independência em relação a sua família de origem.

O nascimento de um filho transforma ainda mais a estrutura da nova família, criando um subsistema parental. No tocante a esse ponto, Carter & McGoldrick (2001) destacam a mudança no ciclo de vida familiar, a qual requer que os adultos avancem uma geração e se tornem cuidadores da geração mais nova. Se existe a recusa, ou incapacidade, dos pais de se comportarem como tais, isso indica que eles não conseguiram evoluir dentro do ciclo de vida familiar. Nesse caso, serão certamente incapazes de colocar limites e exercer a autoridade necessária, não aceitando a fronteira geracional existente entre eles e seus filhos.

Se ambos os subsistemas, o conjugal e o parental, estiverem bem organizados na vida de uma família, dificilmente ela sofrerá influências das famílias de origem/extensas. Mas, se a vivência dessas etapas for difícil, certamente essa influência se fará presente, e a insegurança e o medo farão parte da criação dos filhos, abrindo-se espaço para que os pais, tios ou outros parentes próximos dos agora pais venham a educar os filhos destes, muitas vezes até tirando a autoridade.

Para ilustrar, observemos as falas de duas mães participantes de nosso trabalho. Uma delas dizia: *“Eu não consigo dar um não à minha mãe. Dessa forma, quando eu vou colocar meu filho no castigo, tento dar o limite, ela vem e o tira de lá. Assim eu não consigo ter nenhuma autoridade com o meu filho. Meu marido fala que ela acaba sendo a mãe dele e eu a irmã do meu próprio filho”*. Outra participante descreveu sua experiência da seguinte maneira: *“Eu não sei dar limite ao meu filho, porque, quando eu era criança, meus pais sempre fizeram tudo o que eu queria. Hoje chego à conclusão de que eu não tive nenhum limite. Então eu não consigo dar o que não recebi”*.

Escola de Pais na 23ª Confêcia de Análise Bioenergética

A Escola de Pais é uma proposta de trabalho com pais de crianças/adolescentes que desenvolvemos em Natal (RN), desde 2012. Por meio dela, buscamos dar suporte a essas pessoas na relação com seus filhos, no intuito de facilitarmos o exercício da parentalidade de maneira mais consciente e afetuosa.

Nesse sentido, trabalhamos com os grupos de pais temas diversos de importância no tocante ao desenvolvimento infantil e, de forma vivencial, tentamos facilitar o amadurecimento dos pais, para que possam exercer sua função com mais propriedade e atuar como facilitadores do processo de crescimento das crianças. É, portanto, um trabalho de prevenção, fundamentalmente.

Neste artigo, além da experiência apresentada com grupos de pais, entendemos como importante compartilhar a apresentação desse tema na 23ª Conferência de Análise Bioenergética, com o *workshop* “Afeto e limite no desenvolvimento infantil”. Nessa ocasião, trabalhamos com um grupo de terapeutas corporais que, em sua maioria, escolheu esse tema por buscar ter uma visão do trabalho com crianças na análise bioenergética e por entender o limite como importante em todo relacionamento humano, inclusive na terapia.

Começamos a vivência com os participantes deitados em colchonetes, em *grounding*, numa posição que facilita o acesso a conteúdos mais regressivos da infância. Nosso objetivo era fazer com que cada participante pudesse trazer à consciência o modo como se deu a vivência dos limites no início de sua vida, durante sua infância e na adolescência.

Na sequência, sentados sob o colchonete, passamos para o momento presente da vida, e os participantes foram conduzidos para uma reflexão sobre como eles próprios lidam com o limite na atualidade, na idade adulta, no que se refere ao cumprimento de horários, cuidados com a saúde, trabalho, rotina pessoal, etc. Em seguida, já em pé, caminhando pela sala, os participantes começaram a olhar para a relação que mantinham com seus filhos (ou qualquer pessoa com quem tinham dificuldade de estabelecer limites), para como davam limites: se repetiam o padrão de seus próprios pais ou se tentavam fazer diferente.

Num segundo momento, os participantes foram convidados a formar duplas e assim experimentaram alguns exercícios juntos. Cada membro da dupla assumia um papel, A ou B. A só ouvia e acolhia as colocações de B. B, por outro lado, era estimulado a pensar na pessoa com quem sentia dificuldade em relação ao limite de forma positiva, com afeto, presentificando apenas os sentimentos positivos, que os aproximavam, trazendo-a para o coração e depois compartilhando a vivência com A. Percebemos a importância de fazer com que eles pudessem experimentar corporalmente a conexão com o amor pela pessoa com quem sentiam dificuldade em relação ao limite, já que nosso objetivo era desenvolver a capacidade a partir da ligação limite-afeto.

Depois disso, tanto A como B assumiam a postura de *grounding* invertido, voltando-se um pouco mais para si mesmos para acessarem sua força, o que precisavam sentir para poderem dizer não ao outro. Retornando à posição em pé, um de frente para o outro, olhando-se e respirando, os participantes foram convidados a tocarem-se as mãos e experimentarem esse contato empurrando um ao outro.

Dando continuidade, mais uma vez em *grounding* invertido e, depois, outra vez em pé, em *grounding*, um de frente para o outro, mantendo o contato de olhar e respirando profundamente, A diz: “Sim” e B diz: “Não”.

Ao final, cada participante se despediu da pessoa com quem formou dupla, encerrando esse momento da vivência. Todos foram convidados a buscar um espaço na sala onde pudessem estar de frente para a parede, para nela colocarem as mãos e trazerem à consciência a imagem da pessoa a quem sentiam dificuldade de impor limite, tentando estabelecer um diálogo imaginário com essa pessoa, imaginando como seria conversar com ela dando limites em contato com seus próprios sentimentos e com a força do contato dos próprios pés com o chão.

A partir dos conteúdos trabalhados na vivência desse *workshop*, muitos participantes relataram, com surpresa, terem se dado conta da relação entre limite e afeto e relataram sentir-se aliviados por perceber que é possível dar limites sem perder a ternura, “encontrando um lugar entre dar limites e se sentir leve, de forma natural e menos agressiva, sem magoar”.

Considerações Finais

Compreende-se que não podemos viver em sociedade sem limites, assim como não podemos sentir-nos bem em relacionamentos invasivos. Apesar disso, muitas pessoas referem ter dificuldade em dar limite ao outro, seja na relação com filhos, como trabalhamos em nossos grupos de pais, seja em qualquer outro relacionamento, até mesmo na relação consigo mesmas.

A criança precisa aprender a importância do “não” desde muito pequena, primeiramente no relacionamento com os pais para, então, poder experimentar outros relacionamentos e, dessa maneira, tornar-se capaz de perceber a si mesma.

Consideramos uma experiência de grande valor para muitos dos participantes de nossos grupos darem-se conta de que o que é vivenciado hoje na relação com o filho tem relação com a repetição de padrões vividos no passado, em sua própria infância, de maneira consciente ou não. É difícil ensinar ou dar limites aos outros, filhos ou não, sem que se tenha aprendido isso, praticado e vivenciado.

O trabalho que realizamos possibilitou que os participantes pudessem vivenciar e perceber como os limites foram estabelecidos ao longo de sua vida, desde suas primeiras relações, como filhos, passando pelas relações sociais, com amigos, em sua vida profissional, na conjugal, até chegarem a ser pais, e, por meio da vivência terapêutica, conectarem-se novamente com essas emoções primitivas para se fortalecerem e construir melhores relacionamentos no presente. Para isso, entendemos que só informação não é suficiente, é necessário acessar as emoções, perceber as próprias necessidades e desenvolver a capacidade de se firmar diante do outro. A análise bioenergética, por meio da Escola de Pais, nos permitiu, a partir do trabalho corporal, fazer com que os participantes tomassem consciência de suas próprias faltas e fragilidade, expressassem seus sentimentos infantis e, dessa maneira, pudessem integrar a função materna/paterna de uma forma mais atualizada e adulta.

Referências

CARTER & MCGOLDRIK & COLABORADORES **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia de família**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHATELAD, D. S & REHBEIN, M.P **Transgeracionalidade psíquica: uma revisão de literatura**. Rev. Psicol., v.25- n 3,p. 563-584, set/ dez, 2013

FREUD **Recordar, Repetir e Elaborar** Novas Recomendações Sobre a Técnica da Psicanálise II 1914.

LAPLANCHE, J. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LOWEN, A. **Narcisismo**. Negação do verdadeiro “self”. São Paulo: Círculo do livro, 1983.

_____. **Medo da vida**. Caminhos da realização pessoal pela vitória sobre o medo. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

MELLO FILHO, Júlio. **O ser e o viver**. Uma visão da obra de Winnicott. São Paulo: Casa do psicólogo, 2001.



NICHOLS, M.P. **Terapia Familiar: conceitos e métodos**. Porto Alegre. Artmed, 2007.

SCHETTINI, L. **A criança na família e na escola de 6 a 10 ano**. Bagaço. 1997.

WEIGAND, O. **Grounding e autonomia**. A terapia corporal bioenergética revisitada. São Paulo: Edições e Produções Person Ltda., 2006.

Recebido em 9/09/2015

Aceito em: 25/09/2015

1 Cristiana Carolina de Oliveira Pereira

2 Marília Araújo de Vasconcelos Leite